

J. STERLING

*Dear heart,
Eu odeio você!*



Tradução:

Carlos Szlak e Fábio Alberti



COPYRIGHT © 2016 BY J. STERLING

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **LUIZA DEL MONACO**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa **MICHELLE PREAST**

Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sterling, Jenn

Dear heart, eu odeio você! / Jenn Sterling ;

[tradução Carlos David Szlak].— 1. ed. — Barueri, SP :

Faro Editorial, 2017.

Título original: Dear heart, I hate you.

ISBN 978-85-9581-007-5

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título.

17-08134

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2017

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 — Sala 1702

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06454-010 — Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br

Prólogo

Jules

NÃO ESTAVA PRONTA PARA ELE. NÃO TINHA NEM MESMO ME planejado para ele.

Cal Donovan, de Boston, definitivamente não estava nos meus planos.

Conhecê-lo foi uma surpresa, que me pegou completamente desprevenida.

Em meu ramo de atividade, conhecia pessoas novas a todo momento e nenhuma delas havia me afetado. Mas não é assim que as coisas funcionam? Você conhece milhares de pessoas, mas nenhuma delas tem algum real significado para você. Porém, um belo dia, você esbarra em alguém e, de repente, esse alguém significa tudo.

Eu era uma *workaholic* assumida e todas as pessoas próximas de mim sabiam que eu não namorava. Não era totalmente intencional da minha parte, mas, naquele momento, os homens simplesmente não eram uma prioridade na minha vida. No entanto, isso não significava que, se conhecesse alguém fascinante, eu me recusaria a me envolver. Eu certamente me entregaria. Mas era aí que morava o problema: pouquíssimos homens despertavam e sustentavam meu interesse.

Mas isso não me incomodava. O trabalho vinha em primeiro lugar: não sofria com isso e nem me lamentava. Nem mesmo quando, há mais de dois anos, Brandon terminou nosso namoro porque eu passava muito tempo no escritório e ele achava que eu devia dedicar ao menos um pouco de meu tempo e atenção a ele.

No começo, Brandon desempenhou o papel de namorado compreensivo, dizia sentir muito orgulho da minha ambição e minhas conquistas

profissionais. Mas, ao mesmo tempo, seu ressentimento ia fermentando secretamente e, certa noite, ele explodiu enquanto estávamos sentados na sala da casa dele. Eu estaria mentindo se dissesse que fui pega desprevenida, mas não fazia ideia da intensidade da raiva e do rancor que tinham tomado conta dele. Fiquei, sim, um pouco chocada.

As frustrações de Brandon não eram sem fundamento, mas mesmo quando terminamos eu não mudei em nada as minhas prioridades. Tudo que senti quando ele me deu um pé na bunda, fazendo um discurso claramente ensaiado, foi um grande alívio. Meu coração ficou mais leve com a ideia de poder me concentrar em minha carreira sem levar em consideração os desejos ou sentimentos de outra pessoa. Ah, no fundo, eu esperava pelo momento de poder desfrutar dessa liberdade e da completa ausência de culpa.

Sim, isso pode parecer rude, mas eu queria construir uma reputação no mercado imobiliário de luxo e não conseguiria fazer aquilo dividindo meu tempo. Ou talvez conseguisse, mas a questão era que eu não queria e Brandon me mostrou isso.

E, pensando bem, desde quando o fato de você ser sua prioridade número um é algo tão terrível? Os homens se concentram em suas carreiras o tempo todo e isso é totalmente aceitável. Mas não no caso de uma mulher; não no meu caso. Depois de Brandon romper comigo, aprendi rapidamente que os homens não gostam de ficar em segundo lugar na lista de prioridades de uma mulher e parecem ficar intimidados com uma mulher motivada, que lida com situações difíceis e desafiadoras.

No fim das contas, permanecer solteira pareceu funcionar melhor para mim, e eu não tinha planos de mudar meu estado civil tão cedo.

E então eu conheci Cal.

E ele arruinou tudo.

O senhor dos lábios perfeitos

Jules

CORRI PARA DENTRO DO HOTEL, COM OS BRAÇOS EM TORNO do corpo para me proteger do frio de rachar do lado de fora. A ventania fez meu cabelo parecer um espanador, mas tentei ajeitá-lo, dentro do possível, ao entrar no saguão.

Como não tinha arrumado a mala direito, e levado só blusinhas de verão e sandálias, em vez de roupas mais quentes, estava morrendo de frio em Boston. Como poderia imaginar que uma inesperada frente fria chegaria no começo de setembro? Em Los Angeles ainda estava fazendo vinte e sete graus todos os dias, e, com alguma sorte, eu só teria de começar a usar sapatos com meias em janeiro.

Dedos cruzados.

Sim, eu não tinha planejado muito bem a minha mala para a Costa Leste e isso teria se transformado numa verdadeira preocupação se eu não tivesse conhecido as três mulheres das quais eu acabei ficando amiga. Elas tiravam sarro da minha cara o tempo todo, mas eu gostava daquilo. Era a primeira conferência ligada ao setor imobiliário que eu participava fora da Califórnia e estava me divertindo como há tempos não me divertia.

O ar quente dos aquecedores do hotel praticamente me abraçou e eu senti um alívio muito bem-vindo. Então caminhei na direção das minhas novas amigas.

— Bar? — sugeri, ainda não disposta a ir dormir.

— Com certeza — disse Robin, de Boston, enquanto as outras duas assentiam com um gesto de cabeça.

Robin estava na faixa dos quarenta anos, tinha se unido em matrimônio para sempre — suas palavras, não minhas — e era dona de sua própria imobiliária. Era hilária, todas nós morríamos de rir com ela.

— Todos os lugares estão ocupados — Robin afirmou, indicando com a cabeça o balcão circular lotado.

Percorrendo o espaço cheio com os olhos, percebi uma mesa livre para quatro pessoas. Apontei para ela e fomos até lá, mas logo notei que só havia três cadeiras.

— Sentem-se, vocês. Vou procurar outra cadeira — disse, olhando ao redor.

Perto de onde estávamos, sentados numa mesa grande, cercada por três cadeiras vazias, alguns rapazes não tiravam os olhos dos seus *notebooks* e conversavam sem prestar atenção no que acontecia ao redor deles.

Fui até eles com o meu sorriso mais charmoso, aquele que usava para fechar negócios de muitos milhões de dólares.

— Olá, rapazes, vocês se importam se eu roubar uma cadeira? Ou vocês estão usando todas elas?

Todos me olharam ao mesmo tempo. Sorri automaticamente para cada um deles antes de me deter em um par de atraentes olhos castanho-claros. Meu foco se desviou para os lábios do homem e respirei fundo, hipnotizada, fazendo um esforço enorme para me lembrar do motivo pelo qual me dirigi até ali.

Cadeiras. Certo. Cadeiras.

Droga, os homens não deveriam ter lábios tão carnudos e encantadores se não fossem para me beijar a noite toda com eles.

O rapaz sorriu para mim, seus dentes eram incrivelmente brancos. Senti vontade de pular em seu colo e mostrar o quanto eu apreciava aquela bênção que Deus tinha lhe dado. Ele tinha um cabelo escuro farto, curto e num estilo meio bagunçado. Provavelmente ele gastava um bom tempo para conseguir aquele estilo casual, mas parecia natural; e eu quis passar os meus dedos por aquelas mechas.

Em vez de me censurar pelos pensamentos loucos a respeito de um completo estranho – e, minha nossa, estavam ficando mais loucos a cada segundo – segui em frente, talvez com muita sede ao pote para alguém

como eu; e isso aconteceu provavelmente porque fazia muito tempo que não sentia absolutamente nada por um homem.

Mas que mal poderia haver numa paquera? E, quem sabe, se tivesse sorte, eu poderia descobrir o sabor daqueles lábios antes de a noite acabar. Era bastante improvável que eu voltasse a ver aquele rapaz e, sendo assim, quem se importaria se eu passasse algumas horas me aproveitando daquela beleza toda? Nossa, meu arsenal de fantasias ia adorar a inspiração.

— Fique à vontade — o senhor lábios deliciosos disse, ainda sorrindo para mim com sua boca perfeita e olhando em meus olhos.

De repente, eu simplesmente não queria ir embora dali.

Nunca.

A ideia de me acorrentar ao corpo dele e jogar fora a chave passou pela minha cabeça. Cedo demais? Talvez, mas raramente, se é que já aconteceu alguma vez, eu me senti tão atraída por outro ser humano. Não fazia meu gênero me interessar tanto assim por algum rapaz com quem tinha apenas trocado olhares.

Eu adorava fazer amigos e conhecer pessoas onde quer que eu fosse, mas não assim. Nunca conheci um homem que fez com que a simples ideia de me afastar dele parecesse um erro. Então, recusei-me a sair dali. Não achei que meu corpo me permitiria, mesmo se fosse capaz de convencer minha mente. Que, a propósito, estava totalmente ausente.

Controle-se, Jules!

Provavelmente, minha única salvação seria sua personalidade. Apos-tei comigo mesma que, assim que ele começasse a falar, descobriria algo que me decepcionasse. Isso acontecia com bastante frequência em Los Angeles. Quando um cara bonito abria a boca, geralmente, arruinava tudo. Muitos deles eram acomodados e não tinham ética nenhuma no trabalho. Confiavam na beleza e nos corpos malhados para se darem bem, mas eu estava interessada em mais do que um rostinho bonito. Embora, naquele momento, pela maneira como fiquei obcecada por aquele homem, isso não fosse perceptível.

— Pensando melhor, acho que eu posso mudar de ideia e me sentar aqui com você — disse, brincando, incapaz de quebrar o contato visual.

— Por favor — ele respondeu, puxando a cadeira ao lado dele para mim.

Imediatamente, eu me sentei e aceitei mentalmente meu prêmio como a amiga mais sacana do mundo, ignorando minhas novas amigas sentadas atrás de nós e paquerando sozinha na mesa de rapazes. Meu foco total estava no cara sentado à minha direita, tão próximo de mim que podia quase senti-lo. Se eu me inclinasse um pouco mais em sua direção, poderia simplesmente...

— Jules Abbott — disse, estendendo a mão.

— Cal Donovan.

Ele pegou minha mão e a apertou com tanta força que meu rosto se contraiu de dor.

— Meu Deus, Cal, eu sou só uma garota. Você não precisa me impressionar quebrando minha mão — disse, franzindo a testa em sinal de desagrado e sacudindo a mão como se ele tivesse realmente a machucado.

— Desculpe. Foi com tanta força assim? — ele disse, inclinando a cabeça para o lado.

— Foi!

Peguei a mão dele de novo e apertei-a com bastante força, como se pudesse demonstrar minha afirmação. Mas ele não se incomodou minimamente e manteve seu olhar fascinante fixo no meu.

— Era pra doer? — ele provocou, e eu rosnei, apertando os olhos enquanto tentava apertar sua mão com ainda mais força, mas não consegui tirar dele nenhuma reação de dor.

Droga! Como podia dar meu recado se nem mesmo conseguia machucá-lo com meu aperto de mãos tão fracote?

Passei para o outro rapaz da mesa, que pegou minha mão estendida e a apertou com delicadeza.

— Charles — ele disse, e eu sorri.

— Prazer em conhecê-lo, Charles. É assim que se aperta a mão de uma moça — disse, olhando para Cal com um sorriso malicioso.

O último cara do grupo se apresentou como Simeon e, quando repeti seu nome, esperando que tivesse pronunciado direito, ele assentiu com um gesto de cabeça.

— Obrigada por me deixar entrar de penetra na festa de vocês — eu disse para Cal.

— Nós é que agradecemos.

— Posso convidar minhas amigas?

Olhei para as garotas, que, felizmente, estavam conversando sem parecer sentir a minha falta. Perceber que elas estavam perfeitamente bem sem mim fez eu me sentir um pouco menos sacana. Pensando bem, não estávamos no colégio e aquele era um grupo de mulheres adultas.

— Claro — Simeon respondeu com um sorriso.

Acenando na direção de minhas amigas, gritei:

— Ei, garotas, não querem vir aqui para a mesa de nossos novos melhores amigos?

Soltei uma risada quando elas vieram sem pestanejar, trazendo a cadeira que faltaria e me forçando a me espremer contra Cal para abrir espaço para elas.

Cal pressionou sua coxa contra a minha e não me movi um centímetro para me afastar; e ele também não, mas talvez fosse porque ele realmente não tinha para onde ir. Naquele momento, a mesa estava abarrotada e eu não poderia ter ficado mais contente com essa situação.

Então, ficamos ali daquele jeito, com nossas pernas praticamente grudadas. Tinha plena consciência de cada movimento feito por ele, cada contração muscular, cada vez que sua perna pressionava a minha com um pouco mais de força. Meu coração ficou disparado com aquele excesso de contato e cada movimento dele me deixava mais e mais excitada.

Li muitos romances que falavam da ligação instantânea entre duas pessoas, daquela atração indescritível. Nos últimos anos, não conseguia acreditar quando lia aquelas histórias. Por um lado, achava que não passavam de bobagens; por outro, desejava que pudessem ser verdade. No entanto, naquele momento, quando todo o meu corpo e mente estavam sendo afetados pelo menor movimento da coxa daquele homem, finalmente entendi.

Captei a mensagem.

Aquelas palavras não eram apenas algo que os autores escrevem só para fazer a história parecer atraente ou para ter mais emoção. Tudo aquilo podia acontecer com as pessoas na vida real. E era exatamente o que estava acontecendo comigo naquele momento. Sentia-me uma bomba carregada de energia, um fogo de artifício, uma coisa qualquer à beira da

explosão. Nada melhor para fazer você perceber o quanto ignorou seu coração quanto encontrar-se com alguém que o faz despertar.

Por favor, permita que ele também sinta isso. Porque seria horrível se só eu estivesse assim tão mexida. Seria horrível demais.

Nós sete nos apresentamos. Minhas amigas e eu explicamos que estávamos na cidade para uma conferência e os rapazes nos disseram que moravam ali em Boston, mas estavam hospedados no hotel para uma jornada de convívio do pessoal do escritório. Trabalhavam no mercado financeiro e falavam a respeito de ações, títulos públicos e outras coisas que pareciam grego para mim.

Quando Cal falava sobre seu trabalho, sua expressão se iluminava. Ele era inteligente e parecia ser muito bom no que fazia. Podia afirmar isso simplesmente pela maneira como ele falava. Sua paixão pelo trabalho só me excitava ainda mais. Sempre achei que havia algo incrivelmente atraente em caras inteligentes e esforçados.

— Também sou treinador assistente de uma equipe masculina de hóquei — ele revelou. — E também sou professor de matemática e finanças num programa escolar extracurricular.

Contive uma risada de surpresa. — Você está dizendo que as crianças querem conversar a respeito de matemática e finanças? Dá um tempo, Cal, você tá tirando uma da minha cara.

Cal sorriu. — Como assim? Você não gostaria de me ouvir falar a respeito disso?

Não, mas gostaria de ouvi-lo falar a respeito de outra coisa.

— Só estou surpresa com o fato de que crianças se interessam pelo assunto.

— Você se surpreenderia com os interesses das crianças de hoje em dia. Na realidade, isso me dá esperança em relação ao futuro — ele afirmou.

— Sim, o Cal aqui é um samaritano de verdade.

Um novo rapaz chegou junto à nossa mesa e Cal ficou de pé para lhe dar um abraço.

— Garotas, esse é o Lucas — Cal afirmou, bagunçando o cabelo loiro escuro do rapaz. Em seguida, apontou para a mesa e disse: — Lucas, essa é toda a turma.

— Oi, pessoal — Lucas nos cumprimentou, sorrindo com os olhos azuis-claros brilhantes. — Infelizmente, não posso ficar. Tenho um encontro com um policial maravilhoso. Não me espere acordado, Cal.

— Veja bem o que você vai fazer — Cal advertiu. Então, Lucas se afastou tão rápido quanto chegou.

Cal se sentou de novo, voltando a pressionar a minha perna. Em seguida, ele interveio, bloqueando nossa conversa do resto do grupo. — Lucas é o meu melhor amigo, trabalhamos juntos.

— Ele parece gente boa — disse com um sorriso.

— Uma pena que você não seja o tipo dele.

— Por que todos os caras legais são gays? — provoqueei, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— E eu sou o quê, um zé-ninguém?

— Nunca gostei de zés-ninguém.

— É um gosto que se adquire com o tempo.

Droga. Ele não tem nada de idiota. Ele poderia, pelo menos, ser desagradável, metido ou burro. Se tivesse qualquer defeito que bloqueasse meu coração facilitaria muito a minha vida. E ainda seria justo com o restante da população masculina.

— De onde você é? — Cal perguntou, apoiando o cotovelo sobre a mesa e curvando o corpo em minha direção. Atenção totalmente voltada para mim.

— Los Angeles — respondi. Na verdade, morava em Malibu, mas era mais fácil dizer Los Angeles para as pessoas que não eram da região. — E você?

— Nova Jersey, mas vim para cá para fazer faculdade e acabei ficando.

Alguém de nossa mesa riu, mas nem Cal nem eu desistimos de nossa conversa.

— Você gosta de morar em Boston? — perguntei.

— Adoro — Cal respondeu, tomando um gole de sua bebida. — Você já conheceu a cidade?

— Um pouco. É muito bonita. Completamente diferente da Califórnia.

Ele assentiu. — Conte-me mais sobre essa conferência. O que você está aprendendo. Você acha que vai ser útil para o seu negócio?

O que estou aprendendo? Meu Deus, esse cara está muito perto do meu coração voltado para os negócios. Como é possível?

— Na realidade, está sendo muito interessante. Trouxeram diversos palestrantes especializados em suas regiões para compartilhar suas técnicas de marketing, experiências pessoais e o que acham que funciona e não funciona em termos de *networking*. Também estão falando bastante sobre publicidade e mídias sociais. Mas é complicado, porque o mercado varia bastante de uma região para outra. Provavelmente o que funciona para alguém no Alabama não funcionará para mim na Califórnia.

— E por que não?

O interesse verdadeiro de Cal por minhas ideias e opiniões atizou ainda mais o fogo em mim. Poderia falar a respeito do meu trabalho durante o dia inteiro, todos os dias, se ele deixasse.

— Eu trabalho principalmente em Malibu. Posso vender em qualquer lugar na região de Los Angeles, mas me concentro naquela região específica da praia. E, na realidade, é muito maior do que as pessoas imaginam. Eu costumo ter clientes com muito dinheiro para gastar. Sendo assim, as estratégias que se aplicam, digamos, para alguém que só lida com jovens casais querendo comprar seu primeiro imóvel, não funcionam bem pra mim. Preciso assimilar toda essa informação que estou recebendo e fazer uma seleção do que vai ou não me ser útil.

— Você trabalha por conta própria?

— Trabalho para uma imobiliária. Não decidi se abrir uma empresa é a melhor opção para mim. Ainda estou desenvolvendo minha base de clientes e construindo uma reputação. Para ser sincera, não tenho certeza se, num estado como a Califórnia, faria sentido ser a minha própria chefe. Os impostos cobrados das pequenas empresas são impressionantes e só de pensar em ter de contratar funcionários já fico nervosa.

— Sim, faz sentido — Cal afirma, assentindo. — Os impostos na Califórnia são uma loucura. Você deveria se mudar. Quem sabe para Boston. Ouvi dizer que essa é uma cidade ótima para se viver.

Dei uma risada. — Sério? Não sei. De certa forma, sou muito ligada ao lugar onde moro.

Cal ergueu os olhos para o teto e, em seguida, voltou-os para mim, com eles cheios de malícia. — Quero argumentar, mas não tenho certeza se consigo. Como você argumenta contra Malibu?

TARRYN FISHER



F*CK
Love

LOUCO AMOR

*Algumas vezes, o seu pior
inimigo, será você.*

*Outras, alguém para quem
você abriu o coração.*

Você pode pensar que já viu histórias parecidas, mas nunca tão genuínas como essa. Tarryn, a escritora apaixonada por personagens reais, heroínas imperfeitas, mais uma vez entrega algo forte, pulsante, que nos faz sofrer mas também nos vicia. Depois dela, todas as outras histórias começam a parecer como contos de fadas.



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
VOX GRÁFICA EM MARÇO DE 2018